



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

TRIBUNA DE COIMBRA

● Veio do extremo do Alentejo visitar o filho e o neto. O filho tem menos dois anos que o neto. São amigos, delicados, e participaram nas mesmas durezas da vida! Hoje têm olhos de felicidade e dão sorrisos a toda a gente.

Esta mãe-avó, cansada de tão longa viagem e de tantos transportes, ficou em grande festa quando viu os seus meninos. As suas rugas na cara e o seu corpo mirrado são sinais de muitos tormentos. A sua voz foi um cântico de muitas horas e os seus gestos são expressão de grandeza interior. Uma vida gasta, mas ainda cheia de vida.

A filha, muito nova ainda, teve um filho. Deixou-o e foi para Lisboa. Por lá ficou. As grandes cidades são grandes vazadouros. Ficam por lá muitas vidas atoladas na lama das «grandezas». Poucos dão conta. Os filhos que vão nascendo não de ser as grandes vítimas...

Estes dois meninos faltavam muito à escola. Andavam no campo a guardar gado. «Manadas de novilhas e novinhos.» Comiam o pão bem amassado com o suor do rosto. O mais novo já foi duas vezes ao Raios X — a mandado dos médicos. Tem, no aspecto, as marcas dolorosas da vida.

Estou agora a vê-los brincar à beira-mar. Bolas aos saltos e eles-aos saltos também. O mar tem sido manso e a água acolhedora. A Natureza a recebê-los e a acariciá-los. Eles felizes com estes mimos pequeninos. O grupo que veio ontem cantou todo o caminho. Quase duas horas a cantar! Que

bom seria se todos sentíssemos a alegria de cantar!

● Casal novo, com uma filha ao colo, veio à procura de lugar para dois meninos gêmeos, de três anos. Na mesma rua da cidade onde vivem, a mãe abandonou estes dois filhos e mais uma pequenina de um ano. Ficou toda a gente revoltada com esta mãe e este casal tem procurado lugar para as crianças.

Conversámos muito tempo. Já alguém tomou conta da mais pequenina. Foram à polícia que, disse, nada podia fazer. Foram ao Tribunal e no Tribunal disseram... «não sabiam bem o quê».

O pai das crianças anda à solta! A mãe das crianças anda à solta! As autoridades responsáveis não sabem o que não fazer! Os vizinhos andam revoltados! Este casal tem dado e vai continuar a dar muitos passos à procura! E, no fim..., lavamos todos as mãos na mesma bacia — estamos todos inocentes!...

Na História — na História cristã que se diz a nossa — continua a matança dos Inocentes. E todos lavamos as mãos!

Padre Horácio

A formação escolar e profissional dos Jovens

Cartazes e prospectos sobre a Formação Profissional de Jovens, com «programa aberto à adesão de todas as entidades interessadas», dizem-nos da atenção que este importantíssimo problema merece, enfim, aos Ministérios da Educação e do Trabalho, que se aliam para lhe dar resposta.

Folgamos. Há quanto tempo devia ser assim!

Parece-me evidente que num País de pequenos recursos e fracas saídas como o nosso, o Ensino Superior tem de ser reservado aos de maiores possibilidades intelectuais que se comprometam a usá-las a sério na formação a esse nível.

Não tem sido assim. A corrida às Universidades vem sendo, há muito, mais por motivos classistas, de um título académico que dê lugar a boa posição social e bom emprego em que depois, tantas vezes, se fica estiolando, do que pelo anseio de uma autêntica vocação a realizar.

Os cursos secundários, ao menos a partir do 10.º ano de escolaridade, deviam ser orien-

tados nesse sentido de selecção, preparando o currículo daqueles em que realmente vale a pena continuar a investir, sem tropeço no poder económico do candidato que, se necessário, seria apoiado por bolsa de estudo desde que tivesse demonstrado capacidade intelectual e de vontade justificativa desse investimento. Seria com certeza muito mais económico e penso que um critério também mais verdadeiro em relação à Sociedade em geral e mesmo aos candidatos que não são vocações autênticas.

Entretanto, os cursos secundários, tais como são, não preparam para nada. Nem se vê, sequer, que estejam proporcionando cultura geral aos que os professam, a aferir pelo saber ler, escrever e contar em que se detecta tanta miséria mesmo a nível de 9.º ano!

Por isso julgo tão sensata a actual pretensão dos dois referidos Ministérios de que «o jovem aprendiz sinta no seu quotidiano o espaço e a qualificação requerida para o exer-

cício de uma profissão»; e daí, «a unificação dos ensinamentos técnicos necessárias ao exercício de uma profissão eminentemente tecnológica, com algumas disciplinas gerais ministradas no ensino secundário», o que «dê direito à equivalência ao 9.º ano e à carteira profissional».

É, pois, um regresso prático ao Ensino Técnico, prestado antigamente nas Escolas Comerciais e Industriais, mas agora, julgo eu, com melhor formação na parte técnica para a qual os agentes do Ministério do Trabalho estarão, porventura, mais vocacionados.

Impressiona-me, todavia, uma lacuna importante na literatura de divulgação deste projecto governamental: É a total falta de referência à Agricultura. E lembrei-me de uma carta recebida, há tempo, de médico amigo, longos anos residente em Angola e que diz com tanto entusiasmo o que eu queria dizer:

«Os Práticos Agrícolas manejavam tractores lavrando e gradando terras, fazendo sementeiras, adubação e capinações mecânicas, enxertias, desinfecções e desparasitações. Convertiam terreno acidentado em socalcos para retenção do solo luminoso e da água da chuva.

A subsistência de Portugal está na produção de trigo, milho, girassol, beterraba, leite e carne. Aqui, como geralmente se trabalha, toda a terra húmida vai na erosão.»

E terminava com este voto: «Práticos Agrícolas a revolver a terra, a protegê-la contra a erosão, adubando até produzir 8 toneladas por hectare em vez dos míseros 800 quilos! Apite. Chame a atenção dos Responsáveis.»

Pois não caberá também este capítulo no projecto dos dois Ministérios? Não é realidade triste a nossa dependência do estrangeiro em metade do que comemos? Não é a Agricultura um dos pontos difíceis no processo da nossa adesão à Comunidade Europeia? Não é chocante o contraste entre os nossos níveis de produção agrícola e os de países territorialmen-

O LIVRO «OBRA DA RUA» E OS LEITORES

O coração tem muita força — como respiro da alma. Por isso, a palavra d'hoje é só dos Leitores!

Porto: «Acabo de receber o OBRA DA RUA e fico feliz. Sois a mão de Deus que nos chama à

reflexão... Chegais sempre na hora certa, em que julgaríamos nada mais haveria a fazer; que já ninguém pensaria em nós; que estaríamos sós... E, de repente, surge um livro na mão com o nosso nome direitinho; é, de facto, para nós! Alguém se preocupou e pensa em nós! Isto, apesar de todos os nossos pecados, imperfeições — e até do nosso atraso, de três anos, da assinatura de O GAIATO...!

Continuais a dar a vossa confiança aos adultos — administrando a mesma pedagogia com que formais os nossos queridos galatos!

Jesus chamou a cada um pelo seu nome, sem uma crítica, apenas com amor. Foi isso que eu vi e reflecti ao receber o OBRA DA RUA que, decerto, me vai fazer muito bem.

Envio... com todas as minhas desculpas, para ficar em dia

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 4.ª pág.

Na História cristã — que se diz a nossa — continua a matança dos Inocentes. E todos lavamos as mãos!



PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O recoveiro dos Pobres chega de semblante carregado!

— A mulher de F. está mal; doença igual à do marido. Teve de ir ao hospital...

● O mal do século: doença nas coronárias.

Ele já estava inutilizado. Agora, ela. Um pequenino calvário!

— *Ai está a conta das receitas avidas prà gente pagar* — conclui o vincentino.

Entretanto, os vizinhos — porta com porta — botam a mão; solidariedade que ainda se não perdeu no meio rural, graças a Deus!

● Aquela jovem mãe que, um dia, se vê a braços com a fuga do marido, entra, casualmente, pela mão de Amigas, num estabelecimento. Que bom ter Amigas com A maiúsculo! Foi um escandalozinho! Para nós, não senhor. O Pobre precisa que lhe demos a mão; precisa de se integrar no meio; sobretudo, apoiar-se em quem lhe dá força, ânimo, coragem — e esperança em dias melhores.

Já noutro tempo — como é bom lembrar! — o maior gosto que a gente tinha era tomar uma *bica*, um copo de leite — comer um bolinho — com Pai Américo à mesa de um café! O *Rebotalho* sentado à mesa de um café!... Mais do que o líquido, mais do que estar lá, compreendíamos que era — é — o factor integração que estava — está — em jogo... É, assim, a pedagogia cristã, intuitiva, de Pai Américo!

Ainda hoje, infelizmente, os Pobres, quanto mais longe, melhor...!

Aquela mulher só — mais os filhos pequeninos — todas as semanas recebe, dos nossos leitores, uma nota de mil. Sabe que é uma ajuda precária. Sabe que é por muito amor. E nós sabemos que ela, todos os dias, levanta as mãos ao Alto, e Deus opera maravilhas que nos confundem, pequeninos que somos, de cuja pequenez nos orgulhamos, também — segundo a palavra de S. Paulo.

● Quando o coração se enche é porque tem vida. E se ela transborda ou transcende, há que lhe dar asas. «A luz não pode ficar debaixo do alqueire»...

Não importam nomes, terras, locais. Mas revelar a grandeza do desconhecido para que seja luz na alma de todos e cada um.

Antes de batermos ao portão, espreitámos. O Autoconstrutor estava na prancha, sobre a laje, martelo na mão — ocupado. Avançamos. Voltamos a chamar. «*Estou aqui!*», responde lá do alto, olhos e face rindo de satisfação.

— *V. por aqui!?*...

— *Tinha de ser...*

— *Não mereço tanto!*

— Como vê, estamos consigo. Não está só!

As lágrimas assemaram aos olhos daquele Autoconstrutor de rija tèmpera.

— *‘tá a ver? Tudo feito só pelas minhas mãos!...*

E que ordem, que perfeição!

— *V. é um mestre!*

— *Não diga isso...*

Sem ter mais quem o ajude, como seria capaz de semelhante aventura?!

Aquele domingo, estimulados pela vida de outros recoveiros dos Pobres

— reflectimos a *via crucis* de Ozanam, Vicente de Paulo, Pai Américo — este homem foi o complemento directo, vitamínico, para continuarmos enquanto Deus quiser.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

16 DE JULHO — Como o prometido é devido, aqui estou a dar conhecimento de todos os acontecimentos que vivemos ao celebrarmos o 27.º aniversário da morte do nosso querido Pai Américo.

Todos os anos, ao celebrarmos este acontecimento damos um passeio por mais longe. Agora, tivemos a oferta dos alunos da Faculdade de Engenharia do Porto que nos deram tudo e mais alguma coisa, e que marcou este dia tão belo.

Antes de partirmos para a cidade do Porto, como já disse, celebrámos, na nossa Capela, a Santa Missa, em agradecimento a Pai Américo por tudo quanto existe na Obra da Rua.

Chegámos ao Palácio de Cristal por volta das 11.30, que visitámos com alegria — pelos divertimentos existentes — onde ocupámos o resto do tempo até à hora de almoço, oferecido — bem como o jantar — nas instalações dos serviços sociais universitários, perto do Palácio de Cristal.

Na parte da tarde, a comunidade dividiu-se em dois grupos, para ver filmes para idades diferentes. No final, houve o ponto mais desejado: um passeio de barco, de longo percurso, pelo Rio Douro, que encheu de contentamento todos nós e em es-

pecial os mais pequenos que não se continham de alegria.

O jantar foi uma festa em todos os aspectos, pois chegava a hora do adeus àqueles Amigos.

A despedida foi um ponto que nos marcou, pois não parecia que eram já 10 horas da noite!

Agradecemos a todos os nossos amigos a generosidade que nos dispensaram.

FUTEBOL — A nossa equipa acabou de conquistar o primeiro lugar da série A no torneio que decorre no campo do F. C. de Paço de Sousa. Os quatro jogos em que participámos foram quatro vitórias, amargas e difíceis, pois algumas equipas têm no seu plantel jogadores filiados. Terminámos a fase de apuramento com 4 jogos, 4 vitórias, 13 golos marcados, 3 sofridos e 12 pontos.

Aguardámos o jogo final, em que defrontaremos uma equipa vizinha: o Junqueira.

Após o torneio, voltaremos a realizar encontros no nosso campo com as equipas interessadas em se deslocar à nossa Aldeia, para conviverem conosco.

PRAIA — O primeiro turno já não se encontra em nossa Casa de Azurara (Vila do Conde), e deu a vez aos mais pequeninos.

É habitual, no final de cada turno, fazerem um breve resumo do tempo de férias passadas naquele belo recanto. Desta vez o gosto foi pouco. Ninguém teve a amabilidade de fazer a crónica!

Contudo, tomo a liberdade de esclarecer que tudo decorreu normalmente, apesar do estado do tempo não ter favorecido muito os banhistas.

BAPTIZADO — No dia 17 de Julho — ainda sob os acontecimentos passados na Festa de Pai Américo — houve o baptizado do nosso Lando, que veio de Angola, há poucos anos, e só agora teve possibilidade de receber o baptismo.

Foi um dia alegre para todos, pois

antes do baptizado tínhamos ficado apurados para disputar a final do torneio com a equipa vencedora da série B, o que fez com que a Santa Missa fosse vivida com maior alegria.

Desejamos ao Lando, que agora faz parte desta grande Família de baptizados, que seja muito feliz e, todos os domingos, ao entrar para a nossa Capela, se lembre da cerimónia.

Carlos Alberto

MEMÓRIAS DO GOVERNO

AGRICULTURA — Por esta altura estais habituados a ver, nas nossas crónicas, o relato da apanha da batata nas nossas Casas, sendo o tema dominante a nossa agricultura.

Em nossa Casa já tínhamos apanhado a batata da vinha, mas ainda faltavam três terras grandes, pois é necessária grande quantidade para alimentar os nossos rapazes durante um ano e ainda para se plantarem no ano seguinte.

O trabalho do campo é um dos mais cansativos, mas também são poucos os que apreciam esta vida sã. Só vêm ao campo um sítio onde passar as férias, longe dos barulhos citadinos e da poluição. Não dão valor àquele que o trabalha árduamente e plenamente vai colhendo o fruto merecido, que por vezes é escasso.

A satisfação que tivemos no fim de termos arrancado a batata, foi grande. Dois dias de muito trabalho que começaram ao clarear da noite e acabaram após termos empregado as nossas forças na obtenção do fruto que a terra nos dá.

Mas não é só de batata que nós vivemos. Também o feijão está crescendo e bonito; embora verde, já tem servido para enriquecer a nossa alimentação. Este ano, o milho não é em tão grande quantidade, mas está a ser bem tratado e a crescer com força, o que nos dá a esperança de boa espiga.

A nossa fruta também já está a amadurecer. As ameixas todas comidas; os pêssegos dão uma coloração diferente ao verde do pessegueiro. Só faltam as peras e maçãs, a maior tentação dos nossos rapazes...

O trabalho é uma forma de cultura e de desenvolvimento para cada um de nós.

ANIVERSÁRIO — Este aniversário é uma data histórica correspondente à morte de Pai Américo, há 27 anos! Para nós é uma data especial, apesar de não o termos conhecido pessoalmente. Mesmo assim, sentimos-nos atraídos por ele — pois nos deu uma casa, roupa, comida, dormida e amor. Por isso tudo, merece bem o nome de Pai de todos quantos, por seu amor, são beneficiados.

O dia 16 de Julho foi uma festa de agradecimento ao Senhor por tudo aquilo que Pai Américo fez por nós.

Na véspera o senhor Prior veio ajudar a preparar-nos, espiritualmente, com o Sacramento da Confissão.

Da parte de manhã acabámos de arrancar a nossa batata.

Depois do almoço melhorado celebrámos a Eucaristia em louvor a Deus e a Pai Américo. O dia não podia terminar bem se não houvesse celebração. Todos ouvimos o sr. Padre com muita atenção, sobretudo quando se tratava de alguma alusão a Pai Américo.

No fim da Missa um grupo seguiu para a praia, enquanto outros ficaram com a tarde livre para descansar do esforço dispendido no trabalho.

Estamos todos gratos a Pai Américo e a todos os que, como ele, deixam tudo o que é deles para fazerem o bem aos outros.

João Paulo

Lar de Coimbra

ANO ESCOLAR — Chegámos ao fim das aulas. Alguns dos nossos acabaram mais cedo, mas para outros prolongam-se até mais tarde por causa dos exames.

«Quanto mais árduo for o trabalho, melhor nos sabe o fruto colhido!» Assim acontece com aqueles que julgam difícil alcançar uma maior graduação escolar; e quando a alcançam descobrem que, afinal, não era tão difícil como a princípio haviam pensado, e sentem uma satisfação só conhecida pelos que por ela já passaram. Mas como «não há rosas sem espinhos», também há os que colhem o sabor do fracasso e em muitos casos por sua própria culpa.

Em nossa Casa também houve victoriosos e fracassados: No 1.º ano do Ciclo Preparatório andavam 8 dos nossos, 7 dos quais transitaram, tendo apenas reprovado um que tem como aliábi a sua entrada tardia neste ano lectivo. No 2.º ano do Ciclo Preparatório também houve chumbos. No 7.º ano de escolaridade, dos 4 passou metade. Os que estavam no 8.º alcançaram o 9.º

Os que andavam no 9.º passaram e apenas um repetirá o ano. O Guido transitou para o 11.º ano de escolaridade. Eu tive um exame já após o termo das aulas, mas transitei para o 12.º. O João Manuel, que estava no 12.º, espera as notas dos exames para saber se tem média para dar entrada na Universidade.

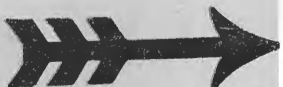
A todos os que passaram, os nossos parabéns; os que não conseguiram tentem, no próximo ano, tendo em conta aquilo que vos levou ao fracasso. Àqueles que, possivelmente, ainda andarão em exames, ou tenham que os fazer na segunda fase; desejamos felicidades e um bom êxito.

AMIGOS — São muitos os que, diariamente, se lembram de nós. É o caso daqueles que nos escrevem a pedir a assinatura de O GAIATO, que nos mandam um pouco do pouco que têm, ou mesmo aqueles que vêm à nossa Casa trazer as suas ofertas.

Algumas escolas desta cidade vieram trazer lembranças das suas festas de fim de ano. Da Yoplait che-



João Luís, filho do Alvaro Henriques e da Eva.



Um Encontro

Américo Correia lançou-me um ultimatum: «Tens de relatar, para O GAIATO, a forma como decorreu o nosso Encontro de domingo».

Pela falta de jeito que manifestaste, poderias calcular como fiquei preocupado! Vendo-me riscar tantas linhas, o meu filho mais novo, o Zé, tentou ajudar e disse-me: «Pai, o meu livro de Português ensina como se deve elaborar uma notícia. Não queres tentar?» Lesto, vai buscar o livro, arrumado na estante, pois as aulas já tinham acabado, e tenta explicar como devo fazer. Leio e releio o livro, mas fico ainda mais preocupado, a minha dificuldade é mais evidente!

Atendendo a que o ultimatum tinha que ser cumprido, vou descrever, o melhor possível, como decorreu o nosso 4.º Encontro, realizado no dia 3 de Julho, comemorando o 28.º

aniversário da abertura da nossa Casa do Gaiato de Setúbal e o 3.º aniversário da fundação da nossa Associação da Comunidade «O GAIATO».

Por falta de cronistas, as notícias sobre os nossos anteriores Encontros têm sido poucas, ou nenhuma. Aproveito para divulgar que os antigos gaiatos, da Casa do Gaiato de Setúbal, fundaram em 19/7/81 a Associação da Comunidade «O Gaiato», tendo por finalidade pôr em prática, na vida, os princípios cristãos que Pai Américo nos deixou, dando em toda a parte um testemunho vivo da Obra da Rua, criando e mantendo entre os seus membros um espírito de Amizade e Fraternidade que os leve à verdadeira solidariedade — frente às dificuldades da vida.

São estes os fins expressos nos nossos Estatutos — como é costume em associações se-

melhantes. Mas não fujo à tentação de parafrasear Pai Américo, afirmando que a nossa Associação «deverá ser uma obra eminentemente social, não necessitando de pautas nem de estatutos, nem de regulamento nem orçamento».

Como é hábito, pelas 8,30h. concentrámo-nos no Lar do Gaiato, em Setúbal, donde partimos, em caravana, para a nossa Casa do Gaiato, seguindo-se a celebração da Missa.

pirado no vitral da Capela da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Porquê este símbolo? Esta ave, quando necessário, é capaz de tirar o seu próprio sangue para o dar aos filhos. Se for necessário imitemos, também, os Pelicanos.

Enquanto um grupo dos mais antigos, esposas e até alguns filhos procediam aos preparativos para o almoço, realizámos um jogo de futebol entre antigos e actuais gaiatos. Como já é tradição, terminou com a derrota dos antigos. Para o ano teremos de matar o «borrego» e acabar com a tradição; quanto mais não seja para arrumarmos com a fanfarronice dos novos, tão cheios de «peneiras»...

Quero pedir, aos que estiverem presentes: sempre que encontrem um dos nossos, transmitam a Mensagem de Amizade e Fraternidade que presidiu ao nosso Encontro; a alegria que os rapazes sentiram actualmente, em nossa Casa, pois numa altura em que a situação familiar denota ausência de determinados valores essenciais (fácil rotura dos laços matrimoniais, generalizada abdicação dos pais...) terá sido útil, para eles, não só o exemplo que lhes demos, mas também o convívio que foi possível manter connosco, com as nossas esposas e filhos.

Aos que, por qualquer razão, não compareceram, desejo que

garam muitas caixas com iogurtes. E muitos mais têm vindo e não é possível nomeá-los; mas, mesmo assim, as suas ofertas não são de menor valor — trazem de tudo e deixam boas recordações, com o desejo de os tornarmos a ver!

Venham sempre! As nossas portas estão sempre abertas e nós sempre prontos para vos recebermos alegremente.

Chiquito-Zé

Setúbal

AS NOSSAS FESTAS — Este ano, infelizmente, os ensaiadores habituais não puderam preparar a malta, por motivos pessoais. Mas as Festas não deixaram de se concretizar!

Rui Peixoto foi o responsável e coube-me a obrigação de o ajudar.

A malta estava muito entusiasmada no princípio dos ensaios; depois arrefeceu e muitos já não queriam realizar a Festa...! Porém, a Festa é dos gaiatos — e para as pessoas que admiram, e até mesmo desconhecem, a nossa Obra.

As nossas Festas, julgo eu, tanto para os ensaiadores como para os «actores», devem ser uma obrigação e, como tal, devemos cumprir com gosto esta missão. Além do mais, a malta não estava essencialmente de acordo connosco. Todavia, depois de muitos serões, de ultrapassarmos muitos obstáculos, foi o primeiro dia de Festa, na Quinta do Anjo. As pessoas gostaram. No segundo dia, Palmela. Mais à vontade... Correu melhor. E, assim, o espírito e actuação de todos foi progredindo nas restantes, excepto em Pinhal Novo: o grupo estava muito mais à vontade e quebrou o ritmo das anteriores.

Geralmente fomos bem recebidos e aplaudidos por todos os nossos Amigos. Acho que, este ano, o programa estava enriquecido de ideias novas.

Agradeço a todos os que colaboraram connosco nos ensaios, arranjo da roupa, transportes e, também, na parte musical. Para todos a nossa amizade e gratidão. Não quero citar no-

mes, nem é preciso. Aqui está o reconhecimento da comunidade de Setúbal pelos serviços que nos prestaram.

Octávio António

Férias no Moinho

● Falas muito de paz.
Fazes manifestações violentas a favor da paz.
Gritas pela paz.
Fazes paz com armas na mão.
Tu, que não sei quem és, vai aprender a paz num lugar bom, no cimo de um monte, onde o tempo pára e possas pensar.

Num lugar onde te libertes do alcatrão, dos prédios de andares infundáveis, da mágica e agressiva televisão.

Aprende a pacificar-te com os outros, a não falar de paz — mas sim a fazê-la.

Aprende a ver a paz numa estrela, numa simples pedra, e acima de tudo, em ti mesmo.

Simplifica a tua vida e terás a paz. Só precisas de um moinho, um pouco de pão e de dois ou três amigos.

A paz, amigo, só a poderás encontrar na Natureza... Tenta e pode ser que a consigas.

Zé Pedro

● A minha estadia no moinho proporcionou muitos momentos de alegria.

Este moinho, situado em Fontelo de S. Domingos, foi reconstruído para se gozarem umas férias repousadas.

Fui lá passar três dias com o sr. Padre Carlos e um filho de um antigo gaiato, que já lá estavam, há quinze dias. O silêncio era total durante a noite; e quase total de dia. À noite víamos a iluminação de aldeiazitas dispersas, a zona de Vila Real, Lamego, Armamar, etc. E, no último dia, com a luz solar, chegámos a ver bem as rochas da serra do Marão! A Régua parecia vista de um avião!

A melhor recordação que trouxe do moinho foi o silêncio; mas também as cerejas, que são uma delícia, colhidas por nossas mãos!

Jorge Nave



A homilia, sr. Padre Aclio manifestou compreensão pelos gaiatos que ainda não conseguiram libertar-se do complexo de termos sido os mais pobres, louvando ao mesmo tempo os que foram capazes de se libertar de tal complexo.

No final da celebração procedeu-se à bênção do estandarte da nossa Associação, que tem por emblema um Pelicano dando comer aos filhos, ins-

Depois, foi um almoço-convívio. A meio da tarde, uma reunião para fazermos o ponto da situação da nossa Associação. E, pela tardinha, uma merenda e agradáveis mergulhos na piscina.

Durante o encontro houve uma exposição de fotografias antigas, que lembraram muitos pedaços da nossa vida. E que saudades...!

comunguem da alegria que sentimos e... para o ano contamos convosco.

Para terminar mais um apelo: àqueles que não temos contactado por carência de morada, pedimos o favor de comunicarem a sua residência para o seguinte endereço: Associação da Comunidade «O GAIATO» — Rua Camilo Castelo Branco N.º 22-A — 2900 Setúbal.

Crisanto

Autoconstrução

● Já transparece ao grande público! Infelizmente, mais no aspecto negativo que no positivo: a clandestinidade marca pontos em zonas suburbanas, há muitos anos. E, agora, por isso, quase se dá a entender esta fórmula: Autoconstrutor igual a clandestino! Não está certo! Portugal não é só a grande Lisboa, o grande Porto, a faixa litoral...

Especificamente nesta região, com um perfil muito típico, o Autoconstrutor procura respeitar a lei, ainda que mais solícita em estorquir-lhe o suor... do que dar-lhe a mão!

O mal é que são raras as entidades que planeiam, estimulam ou apoiam as potencialidades da Autoconstrução. Apesar desta grave omissão, como seria hoje, por exemplo, o parque habitacional desta vasta zona (cuja ruralidade permanece, mau grado ser já um prolongamento dos dormitórios do grande Porto)? Degradado e altamente deficitário. São os Autoconstrutores que resolvem, por suas mãos, todas as carências! Habitação social nem sempre existe em áreas rurais; está localizada nas florestas de cimento — mais ou menos pouco de migrações internas.

● É um homem novo, casado ainda não há muito tempo.
— Quantos filhos tem?
— Para já, só uma filha.

Há mais de dois anos que a gente o vê preocupado com a futura moradia! Faz uma vida discreta, uma poupança em toda a linha!

Um dia, falámos:
— Qual a sua profissão?
— Sou ferrageiro da construção civil.

— O vencimento líquido?
— Dezassete contos.

Pelo seu porte e maneira de ser, ninguém diria ser um ferrageiro da construção civil! Acompanhamos, discretamente, passo a passo, o seu longo calvário — que ainda vai demorar anos a terminar.

Primeira estação — Contrata um técnico para o loteamento do terreno: plantas topográficas, projecto, requerimento, papel selado, selos fiscais, honorários ao técnico, dança nas repartições. Começa a procissão!

Segunda estação — O projecto da moradia: mais papelada, mais encargos fiscais, mais honorários ao técnico.

Terceira estação — Licenças de construção. Mais encargos!

Quarta estação — Já dependado, mas tranquilo por cumprir a lei — sublinhamos para que se veja bem — adquire materiais de construção: tijolos, cimento, pedra, ferro, areia...

Voltamos a encontrar-nos.
— Quando chegar à laje de tecto... fale connosco.

— Ainda vai demorar muito tempo...!

Quinta estação — Implantação da moradia: picareta, enxada, pá, colher da massa; longas horas, longos dias a abrir alcerces, a enchê-los.

Sexta estação — Paredes ao alto. Escadas, escadotes, tabuleiros da massa, sarilho — e muito suor!

Sétima estação — Lajes, revestimento de paredes. É já um sonho meio andado!

Aparece, então, de novo, na companhia do cunhado:

— Vou fechar o telhado...
— Tome lá um pequeno auxílio para a telha.

Os olhos riem!
— Não é uma esmola, acredite. Mas um acto de justiça. As lágrimas assomam aos olhos. Dá-nos um quente abraço e segue para a obra.

Cont. na 4.ª página

SETÚBAL

Por
Padre Acílio

■ Num destes domingos foi a primeira Comunhão de onze rapazes e o baptizado de cinco deles.

Abertos, a pouco e pouco, os olhos da fé pelo testemunho e sabedoria de jovens catequistas, abeiraram-se dos sagrados mistérios com a avidez e a confiança de um naufrago que no meio da tempestade se agarra à bóia da Salvação — Jesus Cristo.

Rapazes de onze a catorze anos encontraram-se, fisicamente, com o Homem-Deus, pela primeira vez na sua vida, ainda que de forma misteriosa. A festa resultou em explosão de Alegria incontida e toda a comunidade se viu banhada de Luz.

É que a história de cada um dos rapazes, na sua origem, desagua em catástrofe. A perspectiva que agora se ergue no horizonte do seu futuro é de realização, de segurança. E felicidade em Deus! Ontem, filhos das trevas; hoje, regenerados pela e para a Luz! Filhos

de Deus, comensais de Jesus Cristo.

Pelo sacramento o encontro é físico. Fala aos sentidos, às sensibilidades — comemos a Sua carne, bebemos o Seu sangue! Não é poesia nem misticismo. É a realidade viva. O homem que, normalmente, age e reage, movido mais pela sensibilidade e pela inteligência, encontra na Comunhão a maneira mais íntima e profunda de se dar a Cristo e receber d'Ele a Força impulsadora dos seus sentimentos e desejos.

A intuição divina do Mestre encontrou, no Seu Amor por cada um, a forma de nos tocar interiormente. Ele é o Pão da Vida!

■ O primeiro grupo de veraneantes partiu, no princípio de Julho, para a Arrábida, onde, há anos, implantei dois barracões de madeira e organizámos o acampamento. Os rapazes fazem toda a vida ao ar livre, na serra e na praia,

só à noite recolhem aos seus beliches para dormir.

A situação é precária, provisória e fora de lei; mas é a situação real do Português pobre — que ainda não pode sair do seu meio e passar umas férias em lugar diferente do seu habitual.

Mais que todas as crianças do País, as nossas têm necessidade do mar e da serra.

Foi por via disso — pela razão e pelo direito que lhes assiste — que invadimos os terrenos públicos e instalámos o nosso «palácio» de Verão. Não tínhamos outra alternativa. Nem pedir ordens, que ninguém no-las podia dar. Nem ir para outro lado, que em toda a banda é proibido.

Aguardo que além Rio Sado se nos depare um terreno onde possamos construir, definitivamente, a nossa Colónia de Férias.

A novidade deste ano é a companhia e a colaboração de raparigas cristãs que pretendem experimentar a sua fé e dar algo de si aos mais pequeninos. Eles são o campo aberto para uma imensa seara que ninguém colhe.

Ordins

Depois de uma longa ausência, dirijo-me aos leitores de O GAIATO — pelo qual esta Casa se tornou conhecida por dois motivos:

Primeiro, para dar satisfação aos que se interessam pela Casa de Jesus Misericordioso, pois temos recebido cartas perguntando por nós. A verdade é que, noutros tempos, havia algumas raparigas a trabalhar nos teares, faziam lindas colchas. Por isso, precisávamos de trabalho. Agora, só temos uma rapariga — não vence as encomendas! — que as outras deixaram os teares porque casaram; outras não aparecem. A casa, porém, está a ser utilizada para outros fins: lições de música para crianças; consultório de uma médica, do Porto, que vem aqui uma vez por semana; vacinação de crianças, todos os meses. No entanto, estas actividades não impediriam que se fizessem outros trabalhos. Temos bastante pena, mas não há quem os faça!

O outro motivo é mais doloroso: Precisamos de ajuda para reparação do edifício, construído há vinte anos. Apenas levou uma pintura. Mas, agora, o betume dos vidros está a sair; caiu uma persiana com o temporal; em Abril reformou-se a canalização; comprou-se um motor para o poço; enfim, estão sempre a aparecer pequenas reparações! E as nossas economias foram-se embora...

Esta obra é de grande necessidade. Quanto mais demorar, mais cara fica. Confiamos, por isso, na vossa ajuda. Aqui vai o nosso endereço — para os novos assinantes do jornal: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — 4560 Penafiel.

María Augusta

Autoconstrução

Cont. da 3.ª página

Vêm lá mais estações dolorosas, que os materiais sobem em espiral.

— Não sei quando terminará a casa; não sei! Vai indo aos poucos... É só rés-do-chão: sala, três quartos, cozinha, despensa, wc.

Assim vai o nosso Amigo, subindo o Everest de cruz às costas...

Estas acções em prol da Família, do bem-comum, não saltam facilmente aos olhos do comum dos mortais, porque discretas; como discreta é a loucura dos Autoconstrutores. Se fôssemos de medalhas, de condecorações, bem mereceriam uma delas — idêntica à dos comendadores — por lutarem sozinhos até ao fim. E, no caso particularíssimo desta vasta região, aos Autoconstrutores se deve — e só a eles! — não haver um parque habitacional mais degradado ou mais deficitário. Quanto vale tudo isto no País que somos?!

● P. S. — Depois de elaborarmos a nota que aí vai, topamos num vespertino da Capital o recorte de um boletim lisboeta — dedicado à problemática da habitação — com pertinentes afirmações. Tem um certo interesse, por ser de Lisboa — a maior floresta de

cimento do País — e por alinhar com a nossa opinião.

«Adiar a solução de fundo, isto é, a implementação de programas de habitação social e o apoio e estímulo às Cooperativas de habitação social e à Autoconstrução é perpetuar e até agravar as carências actuais relegando para um futuro cada vez mais longínquo a satisfação das necessidades da população portuguesa.»

Que síntese tão oportuna!

Júlio Mendes

A formação escolar e profissional dos Jovens

Cont. da 1.ª página

te ainda mais pequenos do que Portugal? E não é tudo isto consequência, em grande parte, de carências de técnica na nossa Agricultura?

Parece-me, pois, que, ao menos, como estimulação do interesse dos nossos jovens por este campo de actividade — aliás tão importante para a sobrevivência do País — valia a pena inclui-lo em acção como esta, agora em início no domínio da indústria — que oxalá seja levada a bom termo, sem obstáculos de demasiada burocracia e sem querelas entre pelouros.

Padre Carlos

O LIVRO «OBRA DA RUA» E OS LEITORES

Cont. da 1.ª página

com a minha assinatura do jornal e o resto para o livro — e não vos ser tão pesada...

S. Mamede de Infesta:
«... Mandem sempre os livros do Padre Américo, pois são sempre bem-vindos!...»

Odivelas:
«Muito obrigado pela remessa de mais um livro — OBRA DA RUA — para ler, reler e meditar.

Hoje é domingo. Na Eucaristia falou-se da parábola do bom Samaritano. E nós que fazemos tantas vezes o papel de levita! Por isso, este livro é uma interpelação. Como já é O GAIATO...

Eu admiro-me de como, ainda hoje, há pessoas inteiramente dedicadas aos Outros. Por vezes temos rasgos de caridade, de abnegação; mas permanecer fiel e perseverante a vida inteira — só uma grande fé...»

Lisboa:
«Recebi o OBRA DA RUA que hoje comecei a ler como quem reza.

Foi escrito pouco depois de eu nascer (sou de Novembro de 34) e tanta coisa continua mal, por falta de Amor e Justiça!

Gostava tanto de fazer alguma coisa pela Paz e para que o Amor crescesse entre todos! Vou rezando e procurando proceder de acordo com a Fé, mas é tão pouco o que consigo!

Sou dada à Esperança. Por isso, acredito que n'Ele tudo mudará, assim nós colaboramos...»

Vila Real (Trás-os-Montes):
«Junto um cheque para o OBRA DA RUA...»

Desculpem não escrever mais. Não sei pôr no papel aquilo que sinto, quando leio O GAIATO e os livros do Padre Américo! Todos eles me servem de meditação. Deus me ajude a cumprir a minha profissão — como Deus deseja que o faça.»

Viseu:
«Acuso recepção do livro OBRA DA RUA — com a marca inconfundível do Padre Américo. Ficou mais enriquecida a minha biblioteca, onde ocupam lugar de relevo os livros da vossa Editorial.

Neste Mundo conturbado, é ainda lenitivo a existência da Obra da Rua, sinal de que nem todos os valores morais estão perdidos — e esperança de melhores dias para as gerações vindouras.

Foi longo o caminho percorrido desde que o Padre Américo fundou a primeira Casa do Galato..., agora com ele a velar por ela, no Céu.

Qual o segredo deste êxito? Muito amor, perseverança, desprendimento; em suma: vivência de autêntico Cristianismo. Na verdade, só o Amor pode tornar uma Obra válida e peregrina.

Seria bom que todos os portugueses conhecessem a Obra da Rua para que se dispusessem a colaborar activamente no ressurgimento nacional, de molde a edificar um Portugal mais digno, justo e fraterno.»

Como respiro da alma — repetimos — o coração tem muita força!

Júlio Mendes



Retalhos de vida

«O Piascas»

Sou o Mário Rui de Jesus Mota, mais conhecido por «Piascas». Nasci em Gondomar, a 27 de Agosto de 1966.

O meu passado é muito triste porque a minha família era muito pobre e tínhamos um pai que contribuía mais para essa pobreza.

A minha mãe era a única a trabalhar para sustentar nove filhos! O meu pai não trabalhava; tudo o que tinha no bolso era para vinho; e, quando bebia demais, vinha às tantas da noite e espancava a minha mãe! Ela sofria tanto que tentou pôr termo à vida!

Uma família com um pai destes é infeliz! Mas, um dia, ele foi passar umas férias à cadeia e nesse espaço de tempo conheci uma senhora, muito nossa amiga, que nos arranhou entrada na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, há sete anos. Aqui comecei os meus estudos. No próximo ano frequentarei, já, o quarto ano do Liceu. Neste momento desempenho, também, a função de cozinheiro. Sirvo a comunidade num lugar muito difícil... Em nossa Aldeia, a maior parte do trabalho é feito pelas nossas mãos. Em tempos, distribuí O GAIATO na cidade do Porto. Agora o meu irmão leva O GAIATO a Amarante, onde tem muitos amigos.

Aqui termino a minha triste história. Mando um abraço para todos os leitores.

Mário Rui («Piascas»)

Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Julho: 52.490 exemplares